

## Anti-Artigo ou Artigo para a Diferença

*“Não há diferença entre aquilo que um livro fala e a maneira como é feito”*

(DELEUZE e GUATTARI,)

Este artigo tem seu ponto de partida em minha experiência como ator-pesquisador e leitor de artigos acadêmicos em Artes Cênicas, especificamente relativos à Arte Teatral, e busca daí construir seu território de contágio a outras experiências. Talvez essa frase resuma por ora o objetivo, percurso e conclusão deste escrito, como veremos. Intento propor aqui um pensamento aos membros da ABRACE, especialmente àqueles interessados na construção de um conhecimento teórico configurado e em diálogo com uma prática artística na e à qual reverbera.

É corrente em nossos encontros o elogio à academia brasileira em arte no sentido de esta ser aberta a estudos de pós-graduação que tenham a prática como foco, em comparação principalmente à academia européia, onde os estudos de pós-graduação prática em arte são desprestigiados em lugar de estudos históricos e críticos destas manifestações.

Tal abertura vem construindo um saber específico, assim como uma singular configuração das disciplinas oferecidas na pós-graduação em Artes Cênicas. O conhecimento demandado da academia pelos discentes à sua formação altera-se concomitantemente ao conhecimento que emana de suas pesquisas, evidenciando a relação intrínseca entre o processo de formação destes discentes e os conteúdos dos estudos produzidos nestes centros.

Porém, é sabido que a produção de conhecimento em arte, especificamente a criação artística, tem entre suas particularidades a de prescindir do conceito de evolução, o que faz com que os instrumentos para a produção desse conhecimento não sejam desenvolvidos a partir de pressupostos imutáveis. A comparação mais óbvia aqui talvez seja a das pesquisas desenvolvidas na área da matemática clássica, onde pressupostos que devem ser acumulados ao longo da trajetória do pesquisador o conduzirão objetivamente do conhecimento que já faz parte do panteão da matemática ao confronto daquilo que ainda carece de maior pesquisa para ser desenvolvido ou confirmado.

Voltando às artes, ao se deparar com a ausência de mecanismos infalíveis que possam ser herdados e conduzam o artista-pesquisador à criação artística, este se vê obrigado a confrontar os princípios do próprio fazer artístico de sua época, diferenciando o seu fazer deste como estratégia de criação. Essa estratégia, por outro lado, nos leva a um paradoxo da docência em arte, já que o docente que atua na formação de um artista-criador

acaba tendo de fomentar a subversão aos próprios métodos empregados em sala de aula como imperativo da manutenção do processo de criação, ou então sacrificar a objetividade ou a infalibilidade de seus pressupostos em prol da manutenção da busca do discente por um espaço de liberdade, 'algo' que completa o acontecimento teatral e que, por inexprimível, não pode ser ensinado diretamente.

Essa busca, seja obtida pela subversão aos paradigmas ou pelo exercício do espaço de liberdade ao qual o discente é instigado, é característica da maior parte de nossas pesquisas acadêmicas práticas da pós-graduação em Artes Cênicas e é dos seus legados mais preciosos, ainda que raramente configure como tal nas monografias, dissertações, teses e artigos oriundos desses estudos.

Demoro-me um pouco mais nesse tema para fazer-me claro: julgo que a *busca* é o legado, não o posto que tal busca conduziu o artista (como se fosse possível aferi-lo completamente), nem mesmo a descrição cronológica e objetiva dos acontecimentos que porventura conduziram à arte que 'já se deu' (o processo da busca), mas a busca ela mesma, que, por seu caráter errático, incerto, em devir (Deleuze), propaga a possibilidade de conformação de uma 'nova diferença' que permite a configuração de um novo acontecimento artístico. A busca como potência, como passível fonte alimentadora de novas experiências em arte, que possa contribuir à novas buscas, dentro ou fora da academia, buscas que conduzam a novos acontecimentos, novas maneiras de criar em arte.

E se uma nova maneira de criar acontecimentos em arte não pode se considerar independente da busca, em ato, por uma nova forma de pensamento e de encontro; no caso da pesquisa acadêmica, há de reverberar igualmente uma singular transmissão de saberes e de escrita. Este assunto é controverso, porém creio que pelos motivos aqui expostos é possível afirmar que deve caber fundamentalmente ao artista-pesquisador – com a contribuição dos demais artistas envolvidos em seu estudo, aqui incluídos orientadores e eventuais grupos de pesquisa – considerar quais elementos de seu trabalho que, contaminados pela busca, apontam vetores para fora, ou seja, tem maior potência de afeto ao outro; à construção de conhecimentos, ainda que inefáveis; ao pressionamento de novas buscas; e, a partir disto determinar não apenas o conteúdo, mas a forma-conteúdo dos conhecimentos que deseja transmitir.

Em contrapartida, a academia – assim como os congressos, reuniões científicas, encontros e demais atividades voltadas ao fomento, divulgação ou discussão das pesquisas desenvolvidas por artistas-pesquisadores – deve cuidar por não limitar, com regras demasiado rígidas, a liberdade formal e conteudística em que se apresentam os estudos práticos em arte, sob o risco de pasteurizá-la pela forma ou pela abordagem temática, e reduzir a sua possibilidade de criação de potência e sua influência a novos acontecimentos em arte e pesquisas acadêmicas. Dado que não estamos buscando uma evolução do saber

em arte cronologicamente aferível – por ser ela reconhecidamente impossível –, e que a compreensão do acontecimento em arte, quando objeto do estudo do artista-pesquisador, não se dá por uma respectiva maneira de dizê-lo, o cuidado maior deve ser em permitir ao máximo o acontecimento da transmissão deste conhecimento ao invés de fixar excessivamente regras ou padrões de escrita que possam ser limitadores da transmissão destes conhecimentos relativos à prática artística.

--- --

Encontramos em *Enlouquecer o Subjético*, do filósofo Jacques Derrida, a possibilidade de “que a letra atravesse e trabalhe o subjético, que ela o faça literalmente, sem submissão à escritura no sentido corrente, à ‘língua humana’, à literatura mesma” (DERRIDA e BERGSTEIN, p. 94). A provocação acima pode nos ajudar no recorte de nosso pensamento à escrita acadêmica em arte, afinal se a busca caracteriza uma expressão cênica singular, que compõe um acontecimento artístico cuja fruição se dá de forma específica, é natural que ao influenciar o acontecimento de uma escrita que busque transmitir sua singularidade como conhecimento a ser compartilhado, essa não submissão à *escritura no sentido corrente* faça-se presente através da emersão de um léxico específico.

Nesse sentido, proponho que, em lugar de um relato (‘voltar a levar’), pensemos a elaboração dos escritos do artista pesquisador interessado em discutir conhecimentos desenvolvidos a partir da elaboração ou apresentação de um acontecimento cênico como um *translato*. A proposição deriva do conceito de transcrição (CAMPOS), a partir do qual se considera que toda a tradução – aqui entre o acontecimento artístico e o acontecimento da escrita – exige uma recriação, ou antes, uma vinculação ao proposto inicialmente como instaurador de um espaço poético e uma co-criação nesse novo espaço de potência.

O acontecimento em arte teatral constroi a singularidade de seu território de afecção entre seus sujeitos pelo inefável e esse traço identitário tem de contaminar a escrita e o seu leitor sob o risco deste escrito não reverberar a arte a que pretende se referir senão como algo alheio à experiência humana, como um simulacro da própria experiência artística. E essa contaminação, em forma e conteúdo, dá origem ao que aqui denomino *translato*, ou seja, à brincadeira conceitual, à valorização do legado da busca (por incerta, processual e contaminante) como disparadora da inscrição gráfica e propagação dos conhecimentos reverberados a partir do acontecimento cênico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DERRIDA, Jacques; BERGSTEIN, Lena. *Enlouquecer o subjético*. São Paulo: Ateliê Editorial: Ed. UNESP, 1998

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, *Felix*. *Mil Platôs : Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 1. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lucia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. – Rio de Janeiro : Editora 34.,1996.

CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem & outras metas*. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.